



**CASA
DE LUZ
E
ETER**

SÉRIE CIDADE DOURADA
LIVRO TRÊS

LEIA STONE



LEIA STONE

TRADUÇÃO SANDRA MARTHA DOLINSKY

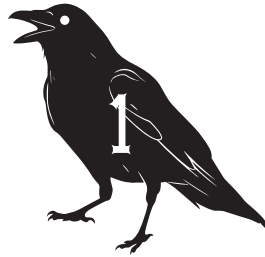
CASA
DE LUZ
E ÉTER

SÉRIE CIDADE DOURADA - LIVRO TRÊS



A TODOS QUE
JÁ SOFRERAM DE
DEPRESSÃO OU
DESESPERANÇA. QUE A
LUZ OS ALCANCE E OS
TIRE DA ESCURIDÃO.





NA ESCURIDÃO, ACORDEI DE UM PESADELO NO QUAL EU NADAVA numa poça de sangue enquanto, lá de cima, o Quórum ria e dizia que minha alma acabaria no Poço Sem Fundo.

Meu coração batia forte; eu me sentei e olhei ao redor para me orientar. Raios prateados de luar entravam como lascas pela abertura de uma espécie de caverna; minha respiração foi se acalmando. Olhei pela entrada e vi a silhueta de Yanric, que estava em cima de Ranger — o cavalo que a rainha Solana tinha me dado — logo ali fora. Ouvi um ronco e estiquei o pescoço para olhar a pessoa adormecida a meu lado.

Mestre Clarke.

Meu... pai.

Todas as lembranças voltaram à minha mente e passei os dedos trêmulos pelos cabelos. Eu havia sido controlada pelas trevas, incendiado o cabelo de Blair e quase queimado a floresta. Depois, mestre Clarke ficou tocando minha pele até eu desmaiar. Por que ele ainda estava ali? Eu deveria ir embora; deveria montar no meu cavalo e deixá-lo ali. Ele não precisava ficar comigo enquanto eu enlouquecia.

— *Pesadelo?* — perguntou Yanric.

Olhei para meu pássaro e fiz que sim. Minha pele ainda queimava um pouco, porque o mestre Clarke tinha me segurado por um tempo. Quem dera poder tomar um banho frio agora.

— Deveríamos deixá-lo aí. Ele só vai se machucar — eu disse a Yan.

Eu estava furiosa com o mestre Clarke por não ter me dito que ele era meu pai biológico, mas não queria que ele se machucasse. Pai *biológico*; me parecia errado pensar isso. Não havia pai mais biológico que aquele que tinha me criado, mas eu não sabia outra palavra para descrever o que o mestre Clarke era para mim. Um pai extra? Um pai ausente que tinha me deixado chorando noite adentro aos portões de Isariah?

Comecei a pensar em Ariyon, Eden, meu pai... mas afastei esses pensamentos. Pensar no passado não me ajudaria em nada. Eles estavam seguros, era só isso que importava. Eu não tinha mais condições emocionais para me preocupar com eles; precisava decidir o que eu e Yan faríamos.

Para onde vamos?, perguntou Yanric, se sacudindo um pouco para espantar o sono.

Suspirei. Eu não queria ir procurar Marissa. Não queria, não. Mas temia que ela fosse a única que entendesse o que eu estava passando. Sua carta dizia que ela poderia me ajudar com meu poder. Mesmo que sua intenção fosse me ensinar a cultivá-lo, ela também poderia saber como controlá-lo.

Mentira, disse uma voz masculina estranha em minha mente, e eu resmunguei. Ouvir as vozes com mais frequência significava que eu estava piorando.

O mestre Clarke se mexeu a meu lado e eu fiquei parada; não queria acordá-lo. Não queria discutir com ele nem correr o risco de machucá-lo se perdesse a paciência. Eu só queria ficar sozinha.

— *Vamos seguir o mapa e ir até Marissa* — disse a Yanric.

Ele concordou.

Enquanto estivermos lá, talvez possamos obter informações e impedir a guerra antes mesmo que comece. Talvez seja assim que você vai salvar todo mundo.

Eu não havia pensado muito na profetizada guerra das criaturas da noite, mas Yanric tinha razão. Se eu entrasse no santuário deles, talvez pudesse aprender a controlar meu poder e, depois, voltar para a Cidade Dourada e contar a Solana tudo o que sabia sobre aquele acampamento.

— *Poderíamos atacá-los primeiro e exterminá-los antes que venham atrás de nós* — disse a Yan, me levantando devagar. Se eu virasse um ser das

trevas, mas derrotasse Marissa e todas as criaturas da noite primeiro, valeria a pena.

Uma mão agarrou meu pulso encoberto e o apertou com força. Levei um susto, olhei para baixo e encontrei o olhar determinado do mestre Clarke.

— Me dê uma chance de ajudar você. Se eu falhar, você pode fugir para as Montanhas Áridas e ficar escondida numa caverna, se quiser.

Sua voz estava grossa e rouca de sono, e suas palavras me chocaram. As Montanhas Áridas. Ele achava que era para lá que eu estava indo? Ainda havia pessoas morando lá, apesar de poucas. Não, eu não iria a nenhum lugar onde pudesse causar mal a uma única alma sequer.

— Você não pode me ajudar, só vai se machucar — disse a ele.

Ele soltou meu pulso e se sentou.

— Vou correr o risco, Fallon — disse ele, sustentando meu olhar.

Senti um nó na garganta. O que é que ele estava dizendo?

— Não vai ligar se eu te queimar vivo se você me tirar do sério? — retruquei.

— Se for para ter uma chance de te salvar, não.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas pisquei para contê-las. Era estranho chorar e não sentir nada por dentro.

Naquele momento, a lealdade cega e a preocupação dele com minha segurança me lembraram do meu pai — meu pai verdadeiro, um título que eu jamais daria ao mestre Clarke, um homem que, pelo visto, havia dormido com Marissa uma noite. E eu era um subproduto disso.

Ele pegou um caderno grosso e surrado e um livro, que eu reconheci. Era aquele que Hayes tinha encontrado na biblioteca, que falava de alguém da Casa de Cinzas que usava controle mental.

— Vamos começar do começo. Você anda ouvindo vozes? — perguntou ele.

Senti um aperto no peito, meu coração disparado. O que ele achava que podia fazer? Ler para resolver meu problema?

Yanric voou das costas de Ranger e pousou em meu ombro.

— *Ele sabe dos riscos e está disposto a ajudar. Não custa nada; Marissa será nosso último recurso.*

Olhei para Clarke mais uma vez e confirmei.

Clarke olhou para Yanric.

— E você? Vozes misteriosas?

Meu pássaro confirmou.

— *Você ouve as mesmas que eu?* — perguntei.

Ele ficou em silêncio um instante.

— *E outras mais* — confessou.

Franzi a testa. O mestre Clarke estava anotando coisas em seu caderno e passando umas páginas do livro.

— Diz aqui que o familiar, na verdade, sofre o impacto dos sintomas primeiro. Portanto, Yanric ficará mais agitado, começará a ouvir coisas, ter pesadelos e perder o controle do poder.

Olhei para meu familiar de boca aberta.

— *É verdade, Yan?*

Ele simplesmente confirmou mais uma vez; eu o apertei contra o peito. Os sentimentos calorosos e confusos que eu costumava ter por ele pareciam estar escondidos sob um grosso manto de desespero; a frustração era tanta que eu queria gritar.

— Não consigo me livrar da tristeza — disse ao mestre Clarke, com uma lágrima escorrendo pela minha face. — Também não consigo parar de chorar. Ando tendo pesadelos. Às vezes me sinto entorpecida, e quando fico com raiva... — Me interrompi, e o mestre Clarke anotou mais coisas, concordando com a cabeça como se tudo fizesse sentido.

— Você não pode controlar isso — disse ele.

Suspirei; soltei Yan e ele voou dos meus braços para a floresta.

— *Vou caçar* — disse, mas senti que ele também não estava conseguindo sentir alegria ou amor.

O mestre Clarke bateu um dedo no livro e explicou:

— Aqui diz que você carrega a magia dos seus ancestrais. Por exemplo, o poder de troca, como você fez com Ariyon, você herdou de Amethyst Bane.

— Eu sei — respondi, sem poder evitar uma rispidez na voz.

— Acho que as vozes que você ouve não são psicose. Acho que são resquícios dos seus ancestrais, que vão crescendo à medida que a magia deles cresce dentro de você.

Senti um alívio enorme ao ouvir isso. Não melhorava nada, eu ainda ouvia vozes — de espíritos desencarnados, se ele estivesse certo —, mas pelo menos não estava perdendo completamente o juízo.

— E o que isso significa? Que podemos fazer isso parar?

— Ainda não tenho certeza — disse Clarke, mordendo o lábio. — Agora que conheço a verdadeira história da Casa de Cinzas e Sombras, tenho algumas dúvidas. Por exemplo, e se os experimentos que foram feitos com a magia de seu povo fossem para torná-los mais poderosos a cada geração?

Senti um aperto no peito.

— Então, eu seria a Bane mais poderosa que já existiu?

Ele fez que sim.

— E com o maior risco de virar um ser das trevas.

Suas palavras só me fizeram sentir pior. Agora eu tinha medo de ficar ainda mais malvada que Marissa e incendiar o mundo inteiro.

Percebi que meus pensamentos estavam indo para lugares tristes, puxando velhas feridas de meu coração como se fossem fios soltos de um suéter. E isso não pararia até me desfazer inteira.

— Você tentou me visitar? — perguntei, quase perdendo a coragem. — Quando eu era criança?

O mestre Clarke enrijeceu a meu lado. Ele pousou o livro e confirmou.

— Tive que ficar afastado nos primeiros cinco anos, tinha medo de que Marissa estivesse procurando você. Eu sabia que havia a possibilidade de ela se tornar uma criatura da noite e renascer; rezava para que isso nunca acontecesse. Agradeço à Luz todos os dias pela rainha Solana nunca ter usado seu poder da verdade sobre mim.

Fiquei calada, incapaz de imaginar ter um filho no mundo e não poder vê-lo nem uma única vez.

— Solana sabia que Marissa havia dado à luz antes de morrer e estava procurando uma criança com poderes das trevas e uma maldição que a impedia de ser tocada sem sentir dor. — Ele balançou a cabeça, como se estivesse perdido em memórias. — Mas depois de uns cinco anos, as coisas se acalmaram. Solana perdeu o interesse em procurar você e eu fiquei com medo de que você não tivesse o suficiente para viver em Isariah. Todo mundo sabe que é uma gente pobre. Também fiquei com medo de que você estivesse sofrendo bullying ou maus-tratos por causa de sua maldição, então, tirei uma licença e fui ver como você estava.

Prendi a respiração. Era verdade, já sofria bullying por causa de minha maldição. Às vezes, também passava fome. Mas, apesar de tudo,

estava tudo bem, porque eu era muito amada pelo meu pai; e pela minha melhor amiga de Isariah, a Sorrel; e pela minha antiga chefe na taberna, a Hipsie. Aquele povo me tratava bem, eu não tinha do que reclamar.

O mestre Clarke me olhou de soslaio.

— Quero ser bem honesto com você, Fallon. Eu pretendia tirar você de lá naquele dia, te criar eu mesmo nas montanhas acima de Moonsreach.

Levei um susto. Me tirar de meu pai, de Sorrel, de minha casa? Curiosamente, Moonsreach era o lugar para onde meu pai havia sugerido que fugíssemos caso eu caísse nas trevas.

O mestre Clarke passou a mão trêmula pelos cabelos.

— Fiz uma mala para nós dois, deixei um recado para Solana dizendo que havia tirado uma licença para visitar um primo doente e que nunca mais voltaria à Cidade Dourada.

Eu não conseguia falar. Estava pasma.

— E o que aconteceu?

— Quando te vi — disse ele, sorrindo de um jeito que fez todo o seu rosto se iluminar —, você parecia a Marissa. Estava acontecendo o festival de flores e você tinha acabado de ganhar um buquê de flores silvestres de uma mulher simpática.

Fiz que sim, encontrando forças para sorrir também. Eu me lembrava daquele festival, era uma das minhas primeiras lembranças. Eu tinha cinco anos, Hipsie havia me dado um buquê de flores e eu estava louca para mostrar a meu pai.

— Você usava umas luvinhas marrons e correu para um homem alto, gritando “Papai!”. Percebi que era o homem que tinha acolhido você. Lembro do jeito que ele sorriu para você, como pegou o buquê de sua mãozinha e o cheirou, e disse que eram as flores mais lindas de todo o reino, exatamente como você. — A voz de Clarke tremeu. — Isso me deixou de coração partido, mas ao mesmo tempo sereno. Soube que não poderia tirar você dele, daquela mulher gentil que havia te dado as flores, de nada daquilo. Você estava saudável, era amada e estava crescendo bem. Eu só pioraria sua vida. — Ele se afastou de mim, envergonhado. — Então, fui embora, sabendo que você estava recebendo tudo de que precisava.

A tristeza tomou conta de mim depois de ouvir a confissão dele, mas logo foi substituída por um entorpecimento. Tudo o que ele disse era verdade, exceto que eu tinha tudo de que precisava.

— Eu também gostaria de ter te conhecido. Eu também precisava de você — disse a ele, e o mestre Clarke apertou minha mão com força, concordando.

— Agora estou aqui, e não descansarei até salvar você das trevas, Fallon. Juro pela Luz.

Eu simplesmente concordei porque, apesar de saber que ele achava que o que dizia era verdade, isso não se tornava uma possibilidade real.

Um mês depois

— Agora controle! — gritou mestre Clarke. — Do jeito que treinamos.

O suor escorria pela minha testa e eu sentia uma raiva tão intensa que queria dizimar todas as árvores a meu redor.

— Não consigo! — berrei, dominada pela magia.

Sombras se arrastavam pelo solo da floresta e se aproximavam da encosta da montanha carbonizada porque era onde eu treinava todos os dias. Fogo saía de minhas mãos. O mestre Clarke entrou em meu campo de visão.

— Você é mais forte que isso, Fallon. Imagine que é uma torneira e simplesmente feche-a! — rosnou ele, erguendo um de seus livros idiotas.

Ele andava mais explosivo ultimamente, e eu o ouvia choramingar à noite como se estivesse tendo pesadelos. Acho que ele nunca admitiria, mas eu tinha medo de que estar perto de mim o estivesse transformando em um ser das trevas também, como acontecia antigamente, antes de Marissa ficar má. Quando a Casa de Cinzas e Sombras original foi criada, os feéricos que ficavam muito perto deles também se perdiam nas trevas.

Yanric soltou um grasnido e alçou voo, com as pontas das asas fumegando. Ele andava perdendo cada vez mais o controle da própria forma. Estávamos nós dois nos desmanchando.

Lágrimas escorriam dos meus olhos enquanto eu olhava para o livro que mestre Clarke segurava.

— Nenhum livro vai me curar! — rugi, e o livro pegou fogo nas mãos dele.

Ele gritou, sibilando, largou o livro no chão e o pisou com força.

Levei um susto. Minha magia se desligou completamente quando vi mestre Clarke apertar as mãos no peito. O cheiro de carne queimada pairava no ar.

— Não! — suspirei, cambaleando para trás.

Ele me olhou, suplicante.

— Fallon, eu estou bem. É só uma queimadura, nada que já não tenha acontecido enquanto eu cozinhava.

Mas ele estava mentindo. Dava para ver a dor em seu rosto.

— Me deixe dar uma olhada — implorei, apesar de que o sentimento de culpa já estava sendo espantado pelo entorpecimento.

— Estou bem. Vou enfaixar e...

— Me deixe dar uma olhada! — gritei, e o arbusto à direita dele explodiu, tomado pelo fogo roxo.

Ele engoliu em seco e estendeu as mãos para que eu as inspecionasse. Um grito rouco escapou dos meus lábios quando vi sua pele vermelha e cheia de bolhas.

— Você precisa de um curandeiro. Eu... tenho que ir; você não está seguro com...

Mestre Clarke se colocou em meu caminho quando tentei me dirigir à cabana abandonada de dois quartos que dividíamos havia um mês.

— Fallon, isso era esperado. Eu sabia dos riscos, estou bem. Tenho uma tintura para dor e para evitar infecções, vou ficar bem. Precisamos continuar trabalhando; você progrediu muito — disse ele, implorando.

Dei risada, e Yanric desceu mergulhando e pousou em meu ombro.

— Eu progredi!? Tenho dormido quatro horas por noite por causa dos pesadelos, agora ouço vozes todos os dias, e meus poderes estão mais descontrolados que nunca!

Mas quando ele mencionou a tintura, minha mente voltou para a Cidade Dourada. Avis. Ela era como uma mãe para todos nós. Fiquei imaginando como estaria a botica na Zona Oeste, se o plano dela de abrir uma clínica clandestina por lá estava de pé. Acaso os moradores de lá estariam indo tomar “sorvete” e saindo curados? Será que Hayes estava ajudando? E Ariyon?

Ao pensar em meu primeiro e único amor, meu coração se partiu em mil pedaços. Como pude simplesmente deixá-lo daquele jeito? Como pude ir embora sem nem me despedir dele?

Mas logo me lembrei da expressão dele depois que machuquei Blair.

Ele tinha medo de mim, e com razão. Por isso eu recusei todas as cartas que ele havia tentado me enviar por corvo para Clarke e fiz o mestre prometer que não contaria a Ariyon nem a ninguém da Cidade Dourada onde estávamos.

— Fallon, respire fundo.

A voz de pânico do mestre Clarke me fez voltar a mim.

Pela Luz! Estávamos presos dentro de um funil de sombras negras, com um anel de fogo roxo dançando ao redor da clareira em que estávamos.

— Mantenha o foco, o controle — orientou Clarke.

— *Eu também estou com saudades deles* — disse Yanric ao ver uma lágrima rolar pela minha face e eu a enxugar com raiva.

Respirei fundo, devagar, até que o funil de sombra se desmanchou e o anel de fogo se transformou em fumaça.

Clarke ficou aliviado. Orgulhoso. Sorridente.

— Viu? Juntos, somos capazes de controlar isso.

Me obriguei a retribuir o sorriso, mas olhei para Yanric. Nem precisei dizer nada, ele já sabia.

— *Vamos embora hoje à noite* — disse ele.

Só concordei. Eu não permitiria que mestre Clarke se machucasse de novo. Havia sido muito gentil da parte dele me ajudar com minha magia durante todas aquelas semanas, mas estava provado que 30 dias de incontáveis horas de treinamento não haviam feito nada mais que me deixar mais forte e mais descontrolada. Receava ter piorado a situação. Meu poder havia crescido tanto que eu me sentia sufocar. Ele competia por espaço dentro de mim, devorava partes minhas que antes eram leves, brilhantes e cheias de vida.

Eu estava morrendo por dentro, e não conseguia nem mais chorar por isso.



NÃO ME ARREPENDEI DE NADA AO SAIR DA CABANA E SENTIR O AR fresco da noite, com minha mochila nas costas e Yanric no ombro. Ainda me restava decência suficiente para saber que me preocupava com o mestre Clarke e jamais me perdoaria se o machucasse gravemente. Ele havia se esforçado ao máximo; eu lhe dera um mês, não tinha dado certo.

Fui até a campina onde estava Ranger e desamarrei suas rédeas do toco de árvore.

— Pronto para uma aventura? — disse, acariciando seu pescoço e ele bufou.

Ver Ranger me fez lembrar de Ariyon de novo. De Solana, de meu pai, de Eden. De todos. A saudade era tanta que parecia que meu peito ia explodir; mas era melhor assim. O mestre Clarke mandava sempre mensagens via corvo para a Cidade Dourada para informar à rainha de que estávamos vivos e bem e que meus poderes estavam sob controle. Ele dizia que, se não avisasse, ela mandaria um exército atrás de mim. Mas ele nunca lhe disse onde estávamos e enfeitiçou os corvos com uma tinta para que não pudessem ser seguidos ou rastreados até nós.

Peguei o mapa que Marissa havia me mandado com o bilhete e o desdobrei. Seria aquilo uma loucura? Seria entrar na toca do leão?

E se ela simplesmente roubasse meu sangue para pôr no medalhão que Solana usava ao pescoço e depois me matasse?

— *Ela não pode matar você. Marissa precisa de um herdeiro para governar* — recordou-me Yanric.

Era verdade. Eu poderia matá-la, simplesmente bombardeá-la com o máximo de magia possível assim que a visse... mas sabia que não faria isso. Para ser sincera, havia uma pequena parte de mim que queria ouvir o lado dela, que tinha esperanças de que ela pudesse me ajudar a controlar meu poder ou que eu pudesse convencê-la a desistir de atacar a Cidade Dourada com as criaturas da noite. Emmeric, o feérico Ealdor, havia falado disso: o evento que tiraria minha vida.

Eu sabia que Marissa tinha sede de poder. Ela havia matado muita gente ao atacar a escola e assassinado os pais de Ariyon da maneira mais brutal possível. Mesmo assim, eu não podia evitar entender um pouquinho como era perder o controle. Eu não havia tido a intenção de incendiar o cabelo de Blair ou queimar as mãos do mestre Clarke. E se ela também não tivesse tido a intenção de matar todos aqueles alunos da escola?

Yanric pigarreou; olhei para meu pássaro.

— *Eu também não quero que Marissa seja uma assassina em série, mas não podemos esquecer que ela usou o controle mental para forçar o mestre Hart a manter as portas fechadas para que todos morressem queimados.*

Senti vergonha ao ouvir suas palavras. Ele tinha razão; eu estava inventando desculpas para Marissa, tentando vê-la sob uma luz melhor, para racionalizar o motivo de estar indo até ela.

— *É só dizer que eu vou para as montanhas. Me diga que procurar Marissa é loucura* — disse a Yanric.

— *Você é louca* — disse uma voz feminina, e gargalhou em minha cabeça.

Mordi os lábios, desesperada. Yanric suspirou, se aconchegou em meu pescoço e enterrou a cabeça ali.

— *Acho que ela é a única pessoa no reino que pode nos ajudar a desacelerar isso que está acontecendo com a gente. E se ela tentar machucar você, eu arranco os dois olhos dela.*

Dei risada.

— *Eu te amo, meu passarinho assassino.*

— *Também te amo. Mas sinto falta da sensação de ser feliz.*

Foi como um soco no estômago. Felicidade, alegria, gargalhadas, Eden, Ariyon, Ayden... todas aquelas coisas que costumavam me

fazer sorrir. Ah, como eu sentia falta delas também! Já não me sentia mais aquela pessoa, como se aquela Fallon houvesse morrido e uma nova a tivesse substituído e eu simplesmente tivesse que me conformar com isso.

Respirando fundo, virei Ranger na direção da cidade das criaturas da noite que Marissa havia indicado no mapa.

Que a Luz nos ajudasse.

Eu queria parar para descansar, mas temia que Clarke fosse atrás de mim assim que acordasse, bem cedo. Não queria lhe dar tempo de me alcançar. Também não queria colocá-lo em perigo. Marissa o amou no passado, mas eu não acreditava que ainda o amasse. Pelo que eu sabia, ela seria capaz de matá-lo assim que o visse.

Clarke havia encontrado meu mapa mais ou menos uma semana antes, quando estava limpando a cabana. Minha bolsa tinha se molhado, eu pendurei tudo para secar e ele o encontrou. Abriu, olhou para o papel, depois para mim e o fechou de novo.

Então, disse apenas quatro palavras: *Não vá para lá.*

Como se conhecesse o lugar. Como se já houvesse estado lá.

Talvez conhecesse mesmo. Talvez houvesse me roubado de lá quando eu era bebê.

Mas, se fosse esse o caso, por que não contar à rainha Solana? Se ela reunisse um exército bem grande, talvez pudesse exterminar a cidade — ou o acampamento, o que fosse — inteira de uma só vez, e poderíamos acabar com tudo aquilo. Mas eu sabia que isso não daria certo. A única coisa que matava as criaturas da noite em forma de sombra era o fogo eterno. E só eu o possuía.

Acho que a grande questão era por qual razão eu não havia contado à rainha Solana. Já fazia mais de um mês que eu tinha esse mapa; sabia que o mestre Clarke estava mandando mensagens por meio de um corvo. Poderia ter mandado o mapa...

Era como se houvesse uma guerra acontecendo dentro de mim. Um lado queria que Marissa fosse razoável, que pudesse ser convencida de que sua busca por poder era infrutífera. O outro só queria vê-la morta.

Como eu poderia esquecer que ela havia cravado um machado no coração do homem que eu amava?

Rosnei, frustrada, odiando o fato de não poder mais confiar em minhas decisões. Era por que eu estava enlouquecendo?

Ouvi o som de um galho se quebrando a meu lado e me volvei na direção dele justo quando Yanric voou de meu ombro para verificar.

De acordo com o mapa, estávamos perto do acampamento de Marissa. Seriam batedores? Ou só um animal? Havíamos cavalgado metade da noite e a manhã logo chegaria. Meus membros estavam pesados de sono.

— *Criatura da noite à vista!* — anunciou Yanric, e eu puxei o fogo eterno para minhas mãos com facilidade.

Duas bolas de fogo roxo repousavam no centro de minhas palmas enquanto uma nuvem de sombras se transformava num feérico diante de mim. Era uma mulher de cabelos longos, loiros, e uma aranha tatuada no pescoço. Ela olhou para as bolas de fogo roxo em minhas mãos e sorriu.

— Pode guardar isso. Marissa ficará feliz em ver você.

E então, ela desapareceu e sombras negras ficaram pairando no caminho diante de Ranger.

— *Acho que ela quer que a sigamos* — disse Yanric, pousando em meu ombro.

Meu coração batia forte; eu me debatia, hesitando diante do que estava fazendo. Eu estava mesmo indo me encontrar com Marissa Bane por vontade própria?

— *Me diz para não fazer isso, Yan. Me dê todos os motivos para não fazermos isso.*

Ele olhou para mim com seus olhinhos pretos brilhantes e piscou rápido.

— *Já tentamos de tudo. Demos um mês para o mestre Clarke, não sei mais o que poderíamos fazer sozinhos. Só estamos ficando mais fortes...*

Yanric não ia me fazer mudar de ideia, pelo contrário. E ele tinha razão.

Mas eu tinha uma sensação desagradável lá no fundo que me dizia que nenhum de nós estava pensando com clareza. Que era uma péssima ideia e que eu estava deprimida e entorpecida demais para perceber.

A sombra parou à minha frente, esperando que eu a seguisse. Engoli em seco e segurei firme as rédeas de Ranger. Deixei a criatura da

noite me guiar e logo chegamos aos portões fortificados de uma cidade em ruínas.

Fiquei olhando para a esquerda e a direita enquanto atravessávamos a cidade. Ou o que um dia tinha sido uma cidade. Parecia não receber nenhum tipo de cuidado havia pelo menos um século. Trepadeiras enormes subiam pelas laterais dos prédios — se é que podiam ser chamados de prédios; da metade para cima, não passavam de paredes desmoronadas, abertas para o céu. Ranger relinchou, mas eu o obriguei a continuar apertando de leve suas ancas com os calcanhares.

— Está tudo bem, garoto — disse a ele.

A criatura da noite ia à nossa frente pela rua esburacada, nos levando para o interior da cidade.

— *Tem gente vivendo aqui?* — perguntei a Yanric.

Não era o que eu esperava. Eu não sabia o que estava esperando, mas não era aquilo.

— *Acho que eles passam a maior parte do tempo na forma de sombra; não devem se importar com o lugar onde moram* — refletiu Yanric.

Então me veio um pensamento aterrorizante. Ele tinha razão. Ariyon havia dito que, quando estava preso no Reino do Renascimento, via as criaturas da noite, inclusive Marissa, presentes lá com o corpo físico, enquanto estavam ali naquela cidade em forma de sombra. Se eles passassem só uma parte do tempo ali, não importava a aparência do lugar.

Engoli em seco quando uma dúzia de soldados criaturas da noite apareceu e a sombra à minha frente se materializou de novo.

Avistei um salão de reuniões atrás deles, imaculado, o que me pareceu estranho, levando em conta os prédios abandonados ao redor. O salão era feito de pedra creme, e uma escada de degraus largos levava a portas duplas abertas. Havia luzes dentro.

— Marissa está contente por você finalmente ter chegado — disse uma criatura da noite, um homem, e pegou as rédeas de Ranger. — Vou levá-lo para o estábulo e mandar darem comida a ele.

Ele era alto, com orelhas pontudas e buracos pretos no lugar dos olhos. Ranger soltou um gemido profundo. Era horrível forçá-lo a ficar ali, contra todos os seus instintos.

Pela Luz, onde estou com a cabeça?

— Você vai ter que deixar todas as armas — disse uma feérica ruiva.

Houve um movimento à minha direita e, então, Marissa se materializou a meu lado.

— *Ela é a arma*, Sadine — disse Marissa à ruiva, e olhou para mim com um sorriso e sua cobra familiar enrolada no braço. — Entre, nossa conversa será longa.

Um medo cresceu em meu estômago, além do arrependimento. Acaso eu deveria estar ali? Mas Marissa tinha razão, eu era mesmo uma arma. E se minha “boa e velha mãe” tentasse alguma coisa, eu lhe mostraria como meus poderes haviam aumentado.

Yanric ficou meio tenso em meu ombro.

— *Diga que você só vai falar com ela a sós, para mandar esses capangas recuarem. Isso está parecendo uma emboscada.*

Paranoia. Mas eu não o culpava; também sentia a mesma coisa.

— Só vou falar com você a sós. Mande seu... pessoal... recuar — disse a Marissa.

Ela concordou e o grupo se dispersou, se espalhando como baratas.

Tem mais centenas na cidade, disse uma mulher em minha mente, gargalhando.

Gemi e bati com o punho na lateral da cabeça.

— Pare com isso! — gritei.

— As vozes? — perguntou Marissa, calma e serena, como se estivesse falando sobre o tempo.

Eu a odiava, de verdade. Marissa havia matado Ariyon, que eu só consegui salvar porque sem querer troquei de poderes com ele, e ela havia tentado matar Solana. Ela era má... mas também me olhava como se soubesse exatamente o que eu estava passando, e isso me dava um consolo estranho.

— Quanto mais você brigar com elas, mais altas vão ficar — aconselhou ela.

Yanric gritou alto; não gostou daquelas palavras.

— E eu deveria fazer o quê? Falar com elas? — ironizei.

Ela ergueu uma sobrancelha, sem dúvida impressionada com meu tom.

— São vozes de seus ancestrais, estão só tentando te dar conselhos. — Fiquei em choque, olhando para ela. Clarke tinha razão. Marissa franziu os lábios e logo prosseguiu: — Por causa dessas vozes você achou que estava perdendo o juízo? Venha, temos muito o que conversar.

Eu não disse nada, apenas a segui em silêncio, sentindo crescer dentro de mim aqueles sentimentos negativos. Ela se transformou em sombra e eu a segui para o grande edifício de reuniões.

Assim que entrou, a sombra se solidificou de novo e foi atravessando o salão. Olhei ao redor em busca de ameaças, mas vi que estávamos sozinhas. O espaço era enorme e estava vazio, tirando alguns colchões no chão, uma mesa com cadeiras dobráveis e uma lareira.

— Você mora aqui? — perguntei, franzindo a testa.

Ela deu risada.

— Que nojo! De jeito nenhum! Esta é nossa base de operações na superfície. Tenho uma bela propriedade no Reino do Renascimento.

Olhei para Yan.

— *Uma propriedade no Reino do Renascimento?*

— *Ariyon disse que as criaturas da noite quase não passam tempo aqui, mas não pensei que viviam em outro lugar* — disse meu familiar.

Que estranho. Ela morava com um bando de mortos. Mas gostei de sua franqueza.

Ela se sentou em uma das cadeiras e cruzou as pernas, indicando com a mão para que eu fizesse o mesmo. Olhei para a cobra, enrolada em seu pescoço como um colar, e não podia parar de pensar no que aquele animal havia feito com os pais de Ariyon.

— Você fez coisas horríveis — disse, me sentando, incapaz de simplesmente fingir que nós duas éramos parecidas.

Ela deu de ombros.

— Com pessoas horríveis que acham que merecemos morrer pela magia que corre em nossas veias. Eles nos tratam como se estivéssemos possuídas pelo mal.

— E não estamos? — perguntei.

Inclinando-se para a frente, ela disse com sarcasmo:

— Essa magia que corre dentro de você é intuitiva; ela sabe o que precisa ser feito. Não existe nada igual.

Meu coração se acelerou quando ouvi suas palavras. Magia intuitiva que simplesmente sabia o que precisava ser feito?

O cabelo de Blair... não havia sido eu, e sim minha magia?

— Você não queria pôr fogo na escola? Foi a magia que fez isso? — perguntei.

Marissa confirmou.

— E com razão! Todos queriam me ver morta. Todos achavam que eu era má. Tudo por causa de uma coisa que os ancestrais deles criaram. E depois ainda roubaram nosso trono! — gritou ela.

Então, era assim que ela justificava ter matado mais de cem alunos? Concluí que ela não devia ser capaz de usar razão, então só balancei a cabeça para não a irritar.

— Ela pode ser controlada? — perguntei.

Afinal, aquela era a razão de eu estar ali. Se ela dissesse que não, eu iria embora.

— E por que você iria querer controlá-la? Se a controlasse, você amorteceria seu poder, que deve estar ficando mais forte a cada dia, imagino.

Ela me olhou com olhos gananciosos, negros e cintilantes.

— Ela pode ser controlada? — insisti. — Vai continuar crescendo? Os pesadelos, as vozes, o entorpecimento, a depressão, tudo isso vai aumentar?

Ao ouvir meus sintomas, um lampejo de compaixão cruzou seu rosto; numa fração de segundo, desapareceu.

— Esse é o preço a ser pago por sermos abençoadas com esta magia.

— Marissa, não estou aqui para ficar mais poderosa. Você pode me ensinar a controlar meu poder ou não? — disse, me pondo de pé, empurrando a cadeira para trás e fazendo-a cair no chão.

Yanric gritou. A cobra se desenrolou do pescoço de Marissa e deslizou por seu braço, me encarando.

— Sim, ela pode ser controlada, com grande prejuízo para ela.

— Não ligo de viver o resto da vida sem magia. Quero minha vida antiga de volta. Quero que todo o resto pare.

Ela abriu um sorriso sinistro.

— Acho que podemos fazer alguma coisa, então. Você parece cansada. Durma um pouco, e eu vou começar o processo assim que você descansar — disse ela, apontando para um dos colchões no chão e um cobertor ao lado.

— Que processo? — Estreitei os olhos.

Ela sacudiu a cabeça, olhando para mim.

— Você foi a única coisa que eu já amei, sabia? — Sua confissão me pegou desprevenida. — Acho que amei Clarke, mas ficou evidente que

ele só estava me usando para se sentir melhor. Mas você, você seria uma mini-eu. Você saberia exatamente como é ser uma Bane. Uma Bane com tanto poder que as pessoas teriam medo de você.

— É uma merda.

— É mesmo. Mas só por um tempo. — Ela se levantou também.

— Descanse um pouco. Volto mais tarde.

Ela se transformou em sombras e saiu voando pela porta.

— *Não estou gostando nada disso. Acho melhor irmos embora* — disse Yanric, olhando para as saídas.

Fiquei olhando para o colchão no chão; minhas pálpebras iam ficando mais pesadas.

— *Ela disse que pode nos ajudar, Yan.*

— *Na verdade, ela não respondeu quando você perguntou. Tem alguma coisa estranha nela.*

Do que ele estava falando? Ele mesmo havia concordado em irmos para lá.

— *Claro, ela é má e odeia todo mundo da Cidade Dourada, mas sabe o que são essas vozes, sabe que a magia é intuitiva... sabe tudo pelo que passamos, porque ela também passou por isso.*

— *Já volto. Vou segui-la.*

Yanric se transformou em sombras e saiu pela parede.

Ele me deixou ali sozinha?! *Seu pássaro estranho e paranoico!*

Fui até o colchão e me sentei. Passou-se um minuto, depois outro; Yanric ainda não havia voltado e meus olhos estavam começando a se fechar. Decidi me deitar um instante; Yanric me acordaria quando voltasse, e, se ele insistisse, eu pegaria Ranger e iríamos embora. Poderíamos pensar em outra coisa. Mas eu realmente achava que Marissa sabia o que estava acontecendo comigo e que talvez pudesse me ajudar a me sentir normal de novo.

Assim que fechei os olhos, fui sugada para um sonho surpreendentemente lindo. Ariyon sustentava meu olhar, acariciando meu lábio com o polegar.

— Volte para casa — sussurrou junto à minha boca.